

População de Recife adere às escolas alternativas

YVANA FECHINE

RECIFE — Elas funcionam em quartos, garagens e até cozinhas. Seus professores não contam com qualquer material didático e ganham menos de um salário-mínimo. Os estudantes não ganham merenda nem podem comprar livros. Apesar de tantas limitações, as pequenas escolas comunitárias, filantrópicas e domésticas na Grande Recife se transformaram numa rede paralela de ensino.

Nessas escolas alternativas estudam hoje 67.900 alunos — na rede municipal são 70 mil. O que mais impressiona, porém, é o resultado obtido. Submetidos por um grupo de educadores às mesmas provas de português e matemática, os estudantes das escolas alternativas demonstraram um desempenho bem superior aos da rede municipal.

— Esses resultados são surpreendentes diante de tanta precariedade — disse a educadora Márcia Andrade, uma das coordenadoras da pesquisa realizada pelo Centro de Educação e Cultura Luiz Freire.

Uma das explicações é o atendimento individual, proporcionado pelo espaço pequeno e pelo número reduzido de alunos. O próprio secretário estadual de Educação, José Jorge Vasconcelos, concorda com os educadores que criticam o gigantismo da rede pública de ensino.

Em reconhecimento pelo trabalho dessas escolas marginais, a Câmara dos Vereadores de Recife deverá aprovar ainda esta semana um projeto de lei que destina a elas parte das verbas do município para a educação.

Pedro Luiz



Sala de aula improvisada da escola comunitária Monte Orebe, em Recife